

Escolha profissional: um campo de batalha

SONIA REGINA VARGAS MANSANO *

PAULO ROBERTO DE CARVALHO **

Resumo: Elaborar um diagnóstico acerca da escolha profissional de jovens na contemporaneidade é uma tarefa para a qual diferentes segmentos institucionais e acadêmicos têm sido solicitados a participar e intervir. Profissionais das áreas de Psicologia, Saúde e Sociologia, bem como, os educadores de modo geral, têm se articulado aos pais e à sociedade numa tentativa de fazer com que a passagem por este momento crucial tenha suas dificuldades minimizadas. Diante disso, o presente estudo teórico propõe-se a fazer um recorte da problemática, analisando o quanto a escolha e a colocação profissionais ganham relevância nos centros urbanos e nos modos de vida inventados e postos em circulação nas cidades. Dirigimos nossos esforços no sentido de circunscrever a emergência da problemática da preparação para trabalho no cotidiano da vida urbana, em especial no que tange os diálogos e enfrentamentos entre pais, filhos e diferentes segmentos sociais ligados à formação profissional. Os efeitos de tal cenário fazem-se sentir nas trajetórias diferenciadas daqueles jovens que não reconhecem como crucial a opção pelos cursos superiores, nem a inserção formal no mercado de trabalho. Como resultado, notamos que os mesmos trilham por outros caminhos, sem necessariamente contar com o respaldo e apoio sociais.

Palavras-chave: profissão; mercado de trabalho; cidades; subjetividade; resistência.

Professional choice: a battle in progress

Abstract: Draw up a diagnosis about the professional choice of young people in contemporary times is a task for which different institutional and academic segments have been asked to participate and intervene. Professionals in the areas of Health, Psychology and Sociology, as well as, educators in general, have been articulated to parents and society in an attempt to make the passage through this crucial moment has its difficulties minimized. Given this, the present theoretical study is proposed to make clipping problems, analyzing how the choice and placement professionals earn relevance in urban centers and in the modes of life invented and put into circulation in the cities. We direct our efforts to limit the emergence of problems of preparation to work in everyday urban life, in particular regarding the dialogue and confrontation between parents, children and different social segments linked to vocational training. The effects of such a scenario makes itself felt in the differentiated trajectories of those young people who do not recognize how crucial the option for graduate, or the formal insertion in the labor market. As a result, we note that the same walk by other paths, without necessarily count on the support and social support.

Key words: profession; labor market; cities; subjectivity; resistance.



* SONIA REGINA VARGAS MANSANO é Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Pós-doutorado na mesma universidade, São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. Professora da Universidade Estadual de Londrina (UEL).



** PAULO ROBERTO DE CARVALHO é Doutor em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1998). Professor do Departamento de Psicologia Social e Institucional da Universidade Estadual de Londrina (UEL).



Introdução

Analisar a questão da escolha profissional dos jovens na contemporaneidade é uma tarefa para a qual diferentes segmentos institucionais e acadêmicos têm sido solicitados. Profissionais de diversas áreas, em

especial da Psicologia, Saúde e Sociologia, mas também os educadores de modo geral, têm se articulado aos pais numa tentativa de fazer com que a passagem por este momento crucial tenha seus riscos minimizados, entendendo-se por risco,

principalmente, a não inserção no mundo do trabalho. Trata-se de uma temática que ganha amplitude em nosso país e que se reproduz em diferentes classes sociais.

O presente estudo não se propõe a abarcar esta problemática em toda a sua complexidade, tendo em vista as inúmeras forças que a atravessam e ofuscam seus contornos. Dirigimos aqui nossos esforços no sentido de circunscrever a emergência da questão do trabalho no cotidiano da vida urbana, em especial no que tange os diálogos entre pais, filhos e demais setores da sociedade. Nosso ponto de partida é a análise dos contextos sociais nos quais estes diálogos podem contribuir para evidenciar um enfrentamento em torno da problemática do trabalho nos centros urbanos que, em nosso entendimento, encontra-se em curso, ainda que nem sempre seja reconhecido. Este confronto insinua-se na vida de um grande número de jovens, bem como de seus familiares e seus professores. Isso ocorre tendo em vista que os jovens enunciam outra relação possível com o trabalho, que tende a romper com o caminho instituído da formação acadêmica e do emprego formal, devidamente registrado e reconhecido socialmente. Os seus efeitos fazem-se sentir nas trajetórias diferenciadas que são trilhadas na relação com o trabalho.

Nosso foco, como dissemos, consiste em analisar a emergência da questão do trabalho no contexto das cidades. Mas, o que é isso, uma emergência? O termo, aqui é usado conceitualmente tal como proposto por Michel Foucault (1996) no livro *“Microfísica do Poder”*. Introdutoriamente, a emergência implica o aparecimento do tema no contexto das conversas informais, sendo valorizado pelos estudiosos que se dedicam ao assunto. Mas, a descrição

do conceito de emergência, tal como proposto por Foucault, nos oferece elementos para aprofundar a questão. Diz o autor que a “emergência se produz sempre em um determinado estado de forças” (FOUCAULT, 1996, p. 23).

Neste estudo, partimos da perspectiva de que pais, filhos e demais segmentos sociais, marcados pelas diferenças históricas que os constituíram, podem ser analisados como conjuntos díspares de forças. Cada uma destas potências, com os valores que preconizam e que buscam afirmar, vai entrar em cena na problemática da escolha profissional, dando-lhe consistências diversas. Assim, a emergência é sempre um acontecimento e este acontecimento se efetua em um campo de batalha tenso e multifacetado. Vejamos como.

Foucault considera que a análise da emergência evidencia as maneiras como as forças, “lutam umas contra as outras” (Idem, p. 23). Também nos diálogos que são travados acerca da escolha profissional, é disto que se trata: um enfrentamento no qual o mais característico é a diferença de perspectiva dos agentes envolvidos. Seus partícipes, por vezes, colocam-se como adversários não porque assim o queiram, mas porque, quando estão diante da questão trabalho, cada um comparece com o olhar que lhe é próprio, com sua concepção de mundo, bem como com seu conjunto diferenciado de valores e de expectativas. Estamos, então, bastante distantes das representações idealizadas mais comuns sobre o diálogo que enfatizam a harmonia e o entendimento, afinal “conversando a gente se entende”. A emergência, diz Foucault, é um “não lugar” ou ainda “uma pura distância, o fato que os adversários não pertencem ao mesmo espaço” (Idem, p.

24). Isso confronta a ideia um diálogo pacificado.

Após essa breve contextualização, cabe assinalar que ao adotar uma perspectiva problematizante, o presente artigo tem por objetivo dar visibilidade a esta guerra de forças atualizada na questão da profissionalização, colocando em destaque três ângulos: a posição dos pais, a perspectiva dos filhos e o intervalo social que se abre entre os mesmos. A partir disso, buscamos analisar como os processos de escolha e de inserção profissionais na contemporaneidade seguem, por vezes, pela fronteira da profissionalização instituída, refazendo sucessivamente seus contornos. Tal experimentação aciona uma preocupação crescente nos centros urbanos.

Os pais e a moral do trabalho

Inicialmente, cabe esclarecer que no substantivo “pais” coexistem forças díspares que podem caracterizá-los das mais diferentes maneiras. Aqui, dirigimo-nos especificamente àquele conjunto de pais que, advindos de uma geração na qual o trabalho consolidou-se como um valor moral, adota um discurso marcado pela importância atribuída ao trabalho tradicional. Este pode ser caracterizado pelo emprego formal, pela permanência histórica no mesmo posto de trabalho, bem como por um conjunto de valores agregados que passam pelo *status* e reconhecimento sociais. Nessa direção, os enunciados advindos desse segmento são os mais diversos: Fala-se da segurança resultante de uma escolha profissional correta e com garantia de rentabilidade; acena-se com a possibilidade de formação de um patrimônio; e, principalmente, valorizam-se as possibilidades de conquistar a autonomia financeira e afetiva em relação à família de origem.

Trata-se de uma geração de pais trabalhadores que tiveram no trabalho um dos pontos centrais da própria formação e que, com isso, valorizam-na como uma dimensão central da vida. O trabalho, nesse caso, doa sentido à existência, delineando modos de vida que têm na atividade laboral sua centralidade (GORZ, 2005). Torna-se assim possível compreender por que, entre aqueles que se dedicam aos estudos sobre escolha profissional, os conflitos são sistematicamente abordados e problematizados. Assinala Mansano:

Pode ainda acontecer de os pais, com base em suas próprias histórias e nas idealizações por eles construídas, passarem a almejar para os filhos aquilo que não tiveram oportunidade de concretizar em suas próprias vidas, notadamente na esfera profissional. Com isso, a intervenção da família passa a ser mais incisiva, buscando a adesão dos filhos para o investimento em um projeto que não é necessariamente deles, mas dos pais. Essas expectativas podem gerar uma série de conflitos (MANSANO, 2003, p. 53-54).

Eis, então, que se torna possível vislumbrar um deslocamento: aquilo que nesta fala começou sendo chamado de diálogo ganha contornos de uma batalha colocada em curso na contemporaneidade urbana. De um lado encontram-se os pais deixando entrever sua preocupação com segurança e futuro, supostamente garantidos pela escolha, formação e colocação profissional “correta” dos filhos. Por outro, estão os filhos, abertos à experimentação de outros valores e práticas, os quais tendem a distanciá-los do trabalho como algo de importância central para a existência.

Ao mesmo tempo, porém de modo quase acessório, o discurso dos pais versa também sobre a questão da “realização pessoal”, expressão que, aliás, guarda certa dose de indefinição e idealização. No limite, os pais chegam a considerar a importância de fazer o que se gosta, sempre ponderando que o melhor seria o jovem escolher aquilo pelo que sente simpatia e, assim, conquistar uma profissão capaz de conjugar preferências pessoais com a oportunidade de ganhos econômicos maiores: uma profissão cuja demanda da sociedade pudesse garantir reconhecimento e um padrão de vida resultante em ascensão socioeconômica.

Ainda que apoiem a realização pessoal como algo a ser considerado nos processos de escolha profissionais, o que ganha relevância, entretanto, é o foco na colocação profissional estável e rentável. Já no final do século XIX, em um manifesto denominado “Direito à preguiça”, Lafargue denunciava esse “amor” ao trabalho, como uma espécie de “loucura”, afirmando:

Uma estranha loucura se apossou das classes operárias das nações onde reina a civilização capitalista. Esta loucura arrasta consigo misérias individuais e sociais que há dois séculos torturam a triste humanidade. Esta loucura é o amor ao trabalho, a paixão moribunda do trabalho, levado até ao esgotamento das forças vitais do indivíduo (LAFARGUE, 1883/1999, p. 63).

Uma das configurações desse “amor ao trabalho” ou dessa “loucura” estende-se para o preparo profissional do jovem, com a conquista e conclusão de um curso superior. Para tanto, um montante significativo de investimento financeiro e afetivo é dirigido ao processo formal de escolarização, já desde a infância. Tal fato ganha ressonâncias em outras instituições, tendo em vista que o

vestibular, apesar dos novos programas de inclusão na universidade, ainda é um marco de passagem para a profissionalização em nosso país.

Outro ponto de preocupação por parte dos pais refere-se à troca de curso superior no decorrer da formação universitária. Tal mudança acaba sendo compreendida como uma perda de investimento e/ou de tempo, que se consolida como ônus para a instituição familiar, ávida por mais um trabalhador devidamente empregado. A experimentação de cursos na universidade evidencia, nesse caso, que o tempo perdido tem como foco o montante financeiro investido e não a identificação do sujeito com um campo profissional. Daí a emergência do enunciado de “erro” que percorre a escolha profissional e que, por vezes, pode condenar parte dos jovens a seguir sempre em frente, independentemente de suas variações afetivas e de interesse (MANSANO, 2011).

Mas, cabe interrogar: O que acontece quando essa sentença não se efetua? E quando o jovem não acolhe a demanda dos pais, e dos enunciados que circulam nas diferentes instituições sociais, para seguir os caminhos instituídos da profissionalização? Com a palavra, os filhos...

Os filhos e as experimentações profissionais

Passemos agora a tecer considerações sobre outro conjunto de forças emergentes no enfrentamento profissional: o discurso dos jovens sobre o trabalho. E, aqui, lançamos mão de enunciados que podem ser facilmente encontrados em documentos de domínio público, especialmente revistas e *blogs* dirigidos e/ou assinados por adolescentes, nos quais essa população expõe seus interesses

profissionais de maneira bastante espontânea. Dizem os jovens: queremos ser competidores profissionais, pichadores, instrutores de esportes radicais (tais como *surf* ou *skate*), músicos de bandas, mestres de cerimônias (MCs), *disk jockeys* (DJs), promotores de eventos, diretores de boates e casas noturnas, pilotos de carros de corrida, jogadores profissionais de internet, garotos (as) de programas, acompanhantes de eventos... Sendo que a lista segue em franca expansão. Alguns jovens falam ainda em atividades circenses como malabarismo ou na profissão de palhaço.

Neste momento, é possível compreender os argumentos de Foucault sobre a noção de emergência, quando este assinala que a mesma envolve um acontecimento. O acontecimento da escolha profissional, neste caso, testemunha a mais pura distância entre as forças encarnadas pelos pais (tais quais caracterizados na seção anterior) e os filhos que entram em cena no debate expondo expectativas e valores diferentes. Compare-se a concepção de trabalho, tal como ela comparece no discurso dos pais e educadores, com as escolhas profissionais que vão ganhando a preferência dos jovens de classe média, estendendo-se para o conjunto da sociedade. Estamos diante de uma pura distância. Também podemos entrever que as forças que se defrontam e são colocadas em jogo, aqui denominadas como pais e filhos, não são do mesmo tempo e espaço, tal como na descrição foucaultiana.

A busca por uma atividade profissional que possa trazer benefícios imediatos, sem comprometer o cotidiano em jornadas de trabalho previamente delimitadas e exaustivas, não atrai apenas pela imagem de “liberdade”

ligada à autonomia decorrente da possibilidade de planejamento de horários. São atrativas também pela possibilidade de engajamento naquilo que é avaliado como fonte comum de interesse, lazer, prazer e renda. Trata-se de uma geração que tende a “recusar a imersão total no trabalho” (GORZ, 2005, p. 23).

E, nesse sentido, um risco ganha contornos: o sujeito torna-se uma espécie de empresa para si mesmo, uma autorreferência, tendo de administrar seu tempo, sua renda e sua capacitação para a atividade eleita como possível, assumindo o que Gorz denomina como “auto-empresendedor” (Idem) ou “Eu S/A” (Idem, p. 10). Nessa nova maneira de conceber o trabalho, “cada um deverá gerir seu capital humano ao longo de sua vida, deverá continuar a investir em estágios de formação e compreender que a possibilidade de vender sua força de trabalho depende do trabalho gratuito, voluntário, invisível” (Idem, p. 24).

A emergência dessas atividades profissionais está diretamente ligada às mudanças no sistema econômico capitalista que, não apenas promoveram a precarização dos postos de trabalho formais, como abriram um leque de possibilidades de consumo de bens e de serviços (LAZZARATO, 2006). Este leque atrai consumidores de diferentes segmentos socioeconômicos, sendo considerado, em alguns casos, os novos nichos de mercado, ainda que tenha uma duração fugaz. Trata-se, portanto, de um segmento social que está preocupado em presentificar a atividade profissional e explorar ao máximo suas possibilidades de renda naquele momento específico. Não há interesse ou preocupação, portanto, de estendê-la no tempo, com vistas a quaisquer formas de segurança e estabilidade.

Por outro lado, pode-se dizer que esse tipo de experimentação no campo profissional abre espaço para que novas atividades laborais sejam inventadas e colocadas em circulação. Em outro estudo, Mansano questiona:

Quantas profissões foram inventadas precisamente com base nessas dúvidas, riscos e aventuras, empreendidas a partir de dados que emergiram ao acaso e que, em um primeiro momento, não faziam o menor sentido? Quantos talentos se manifestam a partir das rupturas? Quantas novas composições profissionais se consolidaram? Pode-se dizer, então, que estamos diante de uma produção de si e das profissões que acontece no encontro com os dados e as forças que entram em cena no decorrer de uma existência (MANSANO, 2011, p. 78).

Nessa direção de experimentar as profissões, existe outra população a ser apreciada: aquele conjunto de jovens que simplesmente abre mão da formação profissional oferecida pelos cursos de graduação em universidades, com duração média de quatro anos, para adentrar diretamente na prática profissional almejada no momento. Acolhendo os principais valores do capitalismo contemporâneo, que têm como expoentes a flexibilidade e o empreendedorismo (SENNETT, 2000), essa população abre-se ao risco, depositando nele uma expectativa de vigor e aventura. Para Negri (2005, p. 110), a “possibilidade de passar de um setor a outro da produção, a nova mobilidade, começou a configurar-se como modo de conceber a vida e, por vezes, de gozar e de construir novos espaços e novas temporalidades do trabalho”. Daí a facilidade com que tais atividades aparecem e desaparecem do meio social como campos profissionais. Sob o ponto de vista desses jovens, o

risco ganha contornos de oportunidade e não de problema. Fica evidente que a lacuna entre as forças emergentes nos filhos e nos pais é aberta de maneira incontornável.

O intervalo social e a produção de riquezas

Cabe questionar, então, o que aconteceu para que no intervalo de uma geração a outra se abrisse este hiato. Como foi estabelecida essa distância em torno da qual se trava uma batalha? As diferenças de perspectivas entre pais e filhos sobre a questão do trabalho se fazem presentes no cotidiano da sociedade brasileira. Isso nos coloca a demanda por recorrer a outro conceito foucaultiano: a proveniência (FOUCAULT, 1996). Entendemos este conceito como o engendramento histórico dessas forças, aqui denominadas pais e filhos. A proveniência, diz Foucault, permite “reencontrar sob o aspecto único de um caráter ou de um conceito a proliferação dos acontecimentos através dos quais (...) eles se formam” (FOUCAULT, 1996, p. 20).

Um exame da proveniência do posicionamento dos pais perante a questão da escolha profissional revela, dentre outros componentes, uma referência sistemática à necessidade material. Tal componente guarda relação direta com o dia-a-dia das famílias de baixa renda ou daquelas que, atentas ao que acontece ao seu redor, temem passar por dificuldades da mesma natureza. Temor este que é intensificado em tempos de crises econômicas. É interessante observar, porém, todo um segmento de pais da chamada classe média que, em alguma medida, já equacionou a própria subsistência e a dos filhos e, apesar disso, continua a referir-se ao contexto da satisfação das necessidades básicas

como sendo fundamental. Opera-se aqui, poderíamos dizer, a memória da privação vivida no passado, seja pelos próprios pais, seja pela geração anterior à deles. A busca por segurança, entendida como previsibilidade e equilíbrio econômico, orienta sua existência. Suas preocupações trazem como referência os “tempos difíceis” vividos ou relatados e nelas é possível reconhecer o temor do empobrecimento repentino, bem como do retorno à carência e à privação.

Por outro lado, uma análise da proveniência dos discursos dos jovens sobre o mundo do trabalho e sobre as suas futuras profissões revela um contexto bastante diferente, atestando mais uma vez que estes pertencem a outro espaço, tal como assinalado por Foucault. Os jovens de diferentes classes sociais e que no Brasil de hoje encontram-se às voltas com o debate sobre sua escolha profissional foram educados em meio a uma sociedade muito diferente daquela na qual seus pais cresceram. Eles construíram suas concepções de mundo, suas representações e percepções da realidade social bem como de si mesmos no contexto de uma sociedade permanentemente atravessada pela tecnologia da comunicação, particularmente pela internet e pela publicidade. Estes meios de comunicação, principalmente através da veiculação publicitária, apresentam componentes de subjetivação que estão, de uma forma ou de outra, articulados à noção de prazer e gozo, mas também à presentificação da vida. Deleuze já entrevia as implicações de tal vinculação, comentando: “Muitos jovens pedem estranhamento para serem ‘motivados’, e solicitam novos estágios e formação permanente; cabe a eles descobrir a que estão levados a servir, assim como seus antecessores

descobriram, não sem dor, a finalidade das disciplinas” (DELEUZE, 1992, p. 226).

Talvez seja mais exato dizer que o que prevalece aqui é uma imagem de prazer, construída na veiculação das mensagens publicitárias e articulada na forma de um imperativo. Estes jovens, hoje em busca do seu primeiro emprego, estão sob o efeito do imperativo da sociedade capitalista que incita ao gozo desde que o mesmo implique a posse das mercadorias ou o acesso aos serviços. Cabe dizer que tal posse ou acesso não necessariamente culminam no gozo. Nesse sentido, falamos de uma imagem de gozo.

O imperativo do prazer incorpora ainda outros elementos dos quais podemos destacar um ideal de beleza e de juventude perenizados, bem como a ilusão de uma existência sem dor. Para Guattari e Rolnik, trata-se de uma configuração subjetiva que, em larga medida, “não conhece dimensões essenciais da existência como a morte, a dor, a solidão, o silêncio, a relação com o cosmos, com o tempo” (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 43). Com isso, diversas imagens de prazer e satisfação se sucedem na produção subjetiva capitalística: para os jovens, trata-se de “curtir a vida”, como eles dizem, de “ter prazer em tudo o que se faz”. Sendo assim, por que com o trabalho haveria de ser diferente?

A determinação dos jovens na defesa de sua concepção de mundo, cujo mote é a fruição dos prazeres, só encontra paralelo na determinação dos pais em reafirmar sua própria concepção na qual vida é trabalho; e o trabalho, por sua vez, serve para que se consiga alcançar certo padrão de segurança material. Padrão que, no entanto, é indefinido e a cada conquista em termos de aquisição de patrimônio é colocado mais adiante.

Cada um dos dois segmentos totaliza a realidade a sua volta com os elementos extraídos de sua história individual que também é situada e contextualizada em momentos distintos do capitalismo avançado. De um lado, o imperativo da necessidade e do bem estar material que conduz ao acolhimento irrestrito do trabalho, um trabalho sem fim. De outro, é o imperativo da fruição dos prazeres que redundam na construção de um projeto de vida hedonista que a existência se encarrega, a cada minuto, de negar. Quais são as forças em cena? Os pais que defendem a estabilidade da colocação profissional conservadora, materializada no emprego formal. Por outro lado, temos a força dos jovens que abordam a escolha profissional como algo capaz de oferecer a fruição dos prazeres.

Para tornar ainda mais complexa a questão, cabe lembrar que todo esse conflito interfere na produção de modos de viver que ganham forma no espaço urbano e que produzem efeitos políticos sobre a vida da população. Nesse sentido, Santos (2012, p. 123) lembra: “O uso da cidade pelos agentes econômicos e a disputa entre agentes para se assenhorearem de certas frações do espaço urbano ilustram, de um modo novo, o antigo debate dos valores de uso e dos valores de troca”. Tal embate, que se efetua na apropriação, na inserção e no uso da cidade por parte da população, atinge os jovens de diferentes maneiras, uma vez que também eles buscam conquistar seu lugar no mercado de trabalho – já transformado. Pode-se dizer, então, que no espaço urbano, as relações laborais também participam dessa batalha pela demarcação de territórios.

Quando a relação produtiva no espaço urbano coloca em ação diferentes combates, acionando um campo onde

são atualizadas inúmeras formas de enfrentamento, estas só são compreensíveis sob o ponto de vista da guerra. E, numa guerra, o mais importante é decifrar as estratégias, a sucessão de lances que conduzem à hegemonia de uma das partes conflagradas, bem como as inesperadas reversões. Toda produção da existência, proposta por Foucault para a compreensão da vida em sociedade, seguindo o pensamento de Nietzsche, é marcada pela guerra ou, melhor dizendo, pela sucessão de enfrentamentos que não termina. Talvez possamos lançar mão, uma vez mais da obra de Foucault, para compreender os lances do enfrentamento travado entre pais, filhos e sociedade em torno do objeto trabalho. Foucault diz:

o grande jogo da história será de quem se apoderar das regras, de quem tomar o lugar daqueles que as utilizam, de quem se disfarçar para pervertê-las e utilizá-las ao inverso e voltá-las contra aqueles que as tinham imposto; de quem se introduzindo no aparelho complexo, o fizer funcionar de tal modo que os dominadores encontrar-se-ão dominados por suas próprias regras (FOUCAULT, 1996, p. 25-26).

Os efeitos dessa batalha estão longe de serem conhecidos e acolhidos. O fato é que, enquanto inscritos na batalha, eles mostram-se temporariamente vencedores ou vencidos, a depender do contexto e da fatia do mercado explorada. Daí a dificuldade social de colocar empecilhos a esse tipo de experimentação profissional, tendo em vista que muitos desses jovens alcançam, em um breve período de tempo, a rentabilidade que seus pais demoraram uma vida para construir. Obviamente, o capitalismo sabe explorar essas oportunidades fugazes e,

em larga medida, se alimenta tanto do sucesso quanto do fracasso dos sujeitos.

Considerações finais

Agora, reunimos elementos suficientes para tentar compreender, ainda que parcialmente, o que aconteceu: os pais, como agentes socializadores primários, assumiram o lugar e a função de portadores da norma social que defende a necessidade e o valor do trabalho em sua aceção moral. Eles, ao assim procederem, reafirmam a rede institucional vigente que valoriza o trabalho como valor maior e, com isso, participaram da deflagração dessa guerra.

Em resposta a este primeiro movimento, os filhos colocam-se em posição de luta. É como se eles dissessem: tudo bem, todos temos de trabalhar, esta é a regra comum. Mas, para nós, tal regra é revestida de outro imperativo, ainda maior, extraído do conjunto de imagens relativas ao prazer e ao gozo, veiculadas pela mídia eletrônica, pelas redes sociais e pela publicidade contemporâneas.

O social também comparece como um conjunto de forças que, ao mesmo tempo, valoriza o trabalho tradicional e mantém-se aberto às experimentações de outros campos profissionais, outrora, inclusive, inimagináveis. Nessa dinâmica bélica de abertura e fechamento, de aproximação e de distanciamento entre as partes envolvidas, tanto pais quanto filhos encontram apoio e reprovação no social, a depender das forças com as quais se aliam ou se enfrentam.

Cada um desses campos (pais, filhos e sociedade) colocam em execução, assim, o programa de guerra estudado e cartografado por Foucault. Eles elaboram e legitimam as regras, pervertem-nas, rompem com elas,

transfiguram-nas e as tornam praticamente irreconhecíveis. Isso ocorre logo que cada um desses agentes enuncia suas posições em relação às escolhas profissionais em pauta. Ao proceder assim, eles não se opõem uns aos discursos dos outros, visto que neste mesmo discurso emergente no contemporâneo encontra-se assinalada a importância de fazer o que se gosta.

Precisamente nesse ponto foi operada uma ruptura, seguida da inversão. “Fazer o que gosta”, passa a ser compreendido como “fazer o que dá satisfação” segundo a imagem coletivamente compartilhada de prazer. Assim, a norma social da obrigatoriedade do trabalho foi torcida e passou a falar a linguagem dos jovens, ao mesmo tempo em que se apoia no discurso dos pais e das instituições sociais.

Como dito no início, trata-se de uma batalha que está longe de ser concluída. À Psicologia, como área de conhecimento frequentemente convidada a se expressar sobre tal questão, cabe reconhecer que o campo problemático aí colocado não admite resoluções definitivas. É no caso a caso, ou dizendo de outra maneira, no acaso das forças atualizadas em cada situação, que suas intervenções têm chances de fazer algum sentido. E, para não tornar-se uma área de conhecimento que impede ou estagna o movimento, cabe colocar-se em perspectiva, acompanhando os movimentos, as rupturas e os enfiamentos de cada um dos seus partícipes. Talvez sua importância política, como área de conhecimento, seja precisamente sustentar a questão: Qual será o próximo lance dessa guerra?

Referências

- DELEUZE, G. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Petrópolis: Vozes: 1996.
- GORZ, A. **O Imaterial: conhecimento, valor e capital**. São Paulo: Annablume Editores, 2005.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- LAFARGUE, P. **O Direito à preguiça**. São Paulo: Editora Unesp, 1883/1999.
- LAZZARATO, M. **As revoluções do capitalismo: a política do Império**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2006.
- MANSANO, S. R. V. **Vida e Profissão: cartografando trajetórias**. São Paulo: Summus, 2003.
- MANSANO, S. R. V. Para além da escolha profissional, experimentações intensivas. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 17 (1), p. 67-81, abr. 2011.
- NEGRI, A. **Cinco lições sobre império**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.
- SANTOS, M. **Por uma economia política da cidade**. São Paulo: EDUSP, 2012.
- SENNETT, R. **A Corrosão do caráter**. Rio de Janeiro / São Paulo: Editora Record, 2000.